

Resumo da Nova Exortação Apostólica "Amoris laetitia"

Apresentamos um resumo da Exortação Apostólica "Amoris Laetitia" sobre o amor humano, publicada no dia 8 de abril.

Síntese baseada no resumo distribuído pelo Gabinete de Imprensa da Santa Sé:

A exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família “Amoris laetitia” (“A alegria do amor”) - terminada, não por casualidade, no dia 19 de março, solenidade de São José — **recolhe os resultados dos dois sínodos sobre a família convocados pelo Papa Francisco em 2014 e 2015, pelo que as relações conclusivas de ambas as assembleias são extensamente citadas. Juntamente com elas, citam-se documentos e ensinamentos dos últimos Pontífices e faz-se também referência às numerosas catequeses sobre a família do próprio Papa Francisco. No entanto, como já sucedeu noutros documentos do magistério, o Papa faz também uso das contribuições de diversas conferências episcopais do mundo (por exemplo, Quênia, Austrália e Argentina) e de frases significativas de pessoas bem conhecidas, como Martin Luther King ou Eric Fromm. Destaca particularmente uma citação tomada do filme *O festim de Babette*, que o Papa utiliza para explicar o conceito de gratuidade.**

Premissa

A exortação apostólica impressiona pela sua amplitude e estrutura. **Consta de nove capítulos e mais de 300 parágrafos. Abre com sete parágrafos introdutórios que evidenciam que o Papa tem consciência da complexidade do tema e da profundidade que requer. Afirma-se que as intervenções dos padres no Sínodo conformaram um “precioso poliedro” (*Amoris laetitia* 4 [daqui em diante indicar-se-á com as siglas AL]) que deve ser preservado. Neste sentido, o Papa escreve que “nem todas as discussões doutrinais, morais ou pastorais devem ser solucionadas com intervenções do magistério”. Portanto, para algumas questões “em cada país ou região devem procurar-se soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais. De facto, “as culturas são muito diversas entre si e todo o princípio geral [...] tem necessidade de ser inculturado, se quer ser observado e aplicado” (AL 3). Este princípio de inculturação é verdadeiramente importante mesmo no modo de colocar e compreender os problemas que, para**

além das questões dogmáticas bem definidas do Magistério da Igreja, não pode ser “globalizado”.

Mas sobretudo o Papa afirma, imediatamente e com clareza, **que é necessário sair da estéril contraposição entre a ansiedade de mudança e a aplicação pura e simples de normas abstratas.** Escreve: “Os debates que se verificam nos meios de comunicação, nas publicações e mesmo entre ministros da Igreja, vão desde um desejo desenfreado de mudar tudo sem suficiente reflexão ou fundamentação, até à atitude de pretender resolver tudo aplicando normativos gerais ou retirando conclusões excessivas de algumas reflexões teológicas” (AL 2).

Capítulo segundo: “A realidade e os desafios da família”

A partir do terreno bíblico, no segundo capítulo, o Papa considera a **situação atual das famílias, pondo “os pés na terra”** (AL 6), recorrendo amplamente às relações conclusivas dos dois Sínodos e enfrentando numerosos desafios: **o fenómeno migratório, as negociações ideológicas da diferença de sexos (“ideologia de *gender*”), a cultura do provisório, a mentalidade antinatalista, o impacto da biotecnologia no campo da procriação, a falta de casa e de trabalho, pornografia, o abuso de menores, a atenção às pessoas deficientes, o respeito que merecem os idosos, a decomposição jurídica da família e a violência contra as mulheres.** O Papa insiste no concreto, que é uma característica fundamental da exortação apostólica. E são as coisas concretas e o realismo que oferecem uma substancial diferença entre uma teoria de interpretação da realidade e as ideologias.

Citando a *Familiaris consortio* Francisco afirma que “é salutar prestar atenção à realidade concreta, porque “os pedidos e apelos do Espírito ressoam também nos próprios acontecimentos da história”, através dos quais “a Igreja pode ser guiada para uma compreensão mais profunda do inesgotável mistério do matrimónio e da família” (AL 31). Portanto, sem escutar a realidade, não é possível compreender as exigências do presente nem os apelos do Espírito. O Papa nota que hoje **o individualismo exagerado torna difícil a entrega a outra pessoa de maneira generosa** (cfr. AL 33). Esta é uma interessante fotografia da situação: **“Teme-se a solidão, deseja-se um espaço de proteção e de fidelidade mas, ao mesmo tempo, cresce o temor de ficar encurralado numa relação que possa adiar a satisfação das aspirações pessoais”** (AL 34).

A humildade do realismo ajuda a não apresentar “um ideal teológico do matrimónio demasiado abstrato, quase artificialmente construído,

afastado da situação concreta e das possibilidades efetivas das famílias reais” (AL 36). O idealismo impede de considerar o matrimónio como aquilo que é: “um caminho dinâmico de crescimento e realização”. Tem de se evitar também pensar que se apoiam as famílias “insistindo somente em questões doutriniais, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça” (AL 37). Francisco, convidando a uma certa “autocrítica” diante de uma apresentação inadequada da realidade matrimonial e familiar, explica que é necessário dar espaço à formação da consciência dos fiéis: “Estamos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las” (AL 37). Jesus propunha um ideal exigente mas “nunca perdia a compaixão próxima com as pessoas mais frágeis como a samaritana ou a mulher adúltera” (AL 38).

REFLEXÃO EM RESPOSTA

1. Quais as formas e modelos do passado que mudaram? A família patriarcal girando todas as realidades à volta da família? O número de filhos seriam a fonte de rendimento das famílias? Tudo derivava e girava à volta do trabalho familiar? A Família estaria mais unida?
2. O que é que desvirtuou mais os laços familiares atualmente? A abertura a um mundo mais alargado de rentabilidade? Consequentemente a emigração? Que consequências teve? O mundo do trabalho. Os pais encontram-se esporadicamente, e os filhos passam a maior parte do tempo nos jardins da infância e nas escolas
3. Hoje a família é uma ilha? Cada elemento não será mais individualista procurando exacerbadamente os seus interesses? Casos concretos. A família não terá passado mais para o lugar de passagem para estudar, ver o seu programa de televisão, jogar, navegar na internet, até procurando contactos com pessoas de má orientação, comer às horas que lhe convém e algum descanso?...
4. O amontoar de ocupações, a falta de dar espaço ao silêncio e à oração, ao estudo e algum trabalho em família não estará na causa no stress e do desconforto em que se vive?
5. Nós pais de família temos fé no matrimónio cristão com compromissos de fidelidade e amor em crescimento por toda a vida?

